



Opinião

opinio@correiodopovo.com.br

Presidente: Natal Furuchio | presidencia@correiodopovo.com.br

Vice-Presidente: Veríssimo de Jesus | vpresidente@correiodopovo.com.br

Diretor de Operações:
Luís Antônio Grisólio | lgrisolio@correiodopovo.com.brDiretor de Redação:
Telmo Ricardo Borges Flor | telmo@correiodopovo.com.brSuperintendente Comercial:
Viviane Vasques | vvasques@rs.rederecord.com.brRedação:
Rua Caldas Júnior, 219 - Porto Alegre, RS - CEP 90019-900
Fone (51) 3215-6111 - Fax (51) 3215-6218Comercial:
Fone (51) 3215-6111, ramais 6172 e 6173 - Fax (51) 3215-6117

Atendimento às Agências - Fone (51) 3215-6167 | comercial@correiodopovo.com.br

Classificados: Rua dos Andradas, 972, esquina rua Caldas Júnior
Fone (51) 3216-1610 - Fax (51) 3216-1611

Atendimento às Agências - Fone (51) 3215-1622 | classificados@correiodopovo.com.br

Atendimento ao Assinante - Fone (51) 3216-1600 | atendimento@correiodopovo.com.br

Teleanúncios: Publicidade - Fone (51) 3215-6110 | anuncios@correiodopovo.com.br

Classificados - Fone (51) 3216-1616 | teleclass@correiodopovo.com.br



O combate à superbactéria

Quando surge um problema de saúde pública, de antemão já se sabe que um enfrentamento eficaz e exitoso só poderá ser feito se contar com a adesão da população. Foi assim com a gripe A e com a luta para barrar a proliferação das larvas do mosquito da dengue, para ficar em dois exemplos. A mesma coisa se dá agora, quando o país se vê às voltas com a superbactéria *Klebsiella pneumoniae* carbapenemase (KPC). O ministro José Gomes Temporão, da Saúde, não vê motivos para pânico, pois a ação dessa agente de infecção ainda está restrita aos hospitais. Mas exatamente esse fato, o de nem os hospitais estarem imunes à sua influência, por si só, pode causar apreensão.

O dirigente ministerial ressaltou que algumas medidas já estão sendo tomadas como forma de identificar e restringir os focos infecciosos. Informou que as tarefas estão a cargo da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) e que acredita num controle em curto prazo. Entre as

iniciativas estão a de reter a receita médica para evitar a automedicação e o rastreamento de casos, além de instituir medidas simples e necessárias, como a lavagem das mãos, não somente pelos profissionais da saúde, mas, principalmente, pelos visitantes que acorrem aos hospitais.

Além, esse cuidado simples de desinfetar as mãos é também a recomendação da bióloga Ana Paula Carvalho Assaf, do Laboratório de Pesquisa em Infecção Hospitalar, da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz). Ela integra a unidade credenciada pela Anvisa para confirmar e acompanhar os casos de KPC no país. No seu entendimento, os hospitais devem estar atentos para a prevenção, pois o tratamento posterior é caro, demorado e de resultados menos garantidos.

Como se pode perceber, não há fórmulas mágicas para combater a KPC. Assim, somente a unidade entre equipes hospitalares, familiares, pacientes e amigos pode obter sucesso na empreitada de evitar a disseminação de mais uma moléstia perigosa.

Desigualdades raciais e saúde da população negra

ELAINE OLIVEIRA SOARES

A epidemiologia historicamente tem fundamentado as decisões de políticas públicas em saúde, esta prevista na lei 8.080. Entretanto, o quesito raça/cor não tem sido utilizado como uma categoria analítica para orientar as intervenções em promoção, proteção e recuperação da saúde dos indivíduos e da coletividade. Para cada grupo e segmento populacional, são necessárias políticas específicas, já que as experiências de vida são diferentes. Pela equidade é que hoje se comemora o Dia Nacional de Mobilização Pró-Saúde da População Negra. A criação da Política Nacional Integral de Saúde da População Negra tornou-se inevitável a partir da análise epidemiológica desagregada por raça/cor, que apresentou a iniquidade em saúde entre negros e não negros. A política tem como marco o reconhecimento do racismo, das desigualdades étnico-raciais e do racismo institucional como determinantes sociais das condições de saúde da população.

Pela primeira vez se fez em Porto Alegre um recorte epidemiológico usando-se como quesito a raça/cor, que resultou na publicação do Boletim Epidemiológico Edição Especial Saúde da População Negra (ano XII nº 44). A publicação da Secretaria Municipal de Saúde apresenta uma análise da situação de saúde dessa população, atendendo a uma das diretrizes da Política Nacional de Saúde da População Negra. Segundo o boletim, a declaração de nascimento em serviço SUS foi de 90% para negros e 69,5% para brancos. Em relação à mortalidade, a primeira causa entre 1 e 4 anos de idade foi por causas externas (24% dos óbitos de brancos e negros). As doenças infecciosas e parasitárias e do aparelho respiratório são apresentadas como a segunda causa de morte para os negros, enquanto que para os brancos é a malformação congênita. Na faixa etária de 15 a 24 anos, a maior taxa de mortalidade foi o homicídio, constituindo o motivo mais frequente da morte de jovens negros e sendo o risco três vezes maior para negros em relação aos brancos. O risco para sífilis congênita, Aids, transmissão vertical e tuberculose é mais que o dobro para a população negra em relação à branca.

Os dados revelam, portanto, a iniquidade racial como fenômeno social amplo e desafiam a gestão municipal, os trabalhadores de saúde, os usuários e o controle social a pensarem formas de promover um dos princípios fundamentais do SUS, o princípio da equidade. Ao utilizar-se da epidemiologia como instrumento de gestão, a Secretaria Municipal de Saúde aperfeiçoa os eixos prioritários, as diretrizes e os princípios definidos pelo Sistema Único de Saúde. Ela também responde a uma demanda da sociedade brasileira: conquistar uma sociedade livre do racismo e preconceitos, valorizando a diversidade.



DO LEITOR

doleitor@correiodopovo.com.br
Redator responsável: Renato Panattieri

Trânsito

Acredito que o monitoramento do trânsito de Porto Alegre não está sendo completo. Cito o meu bairro, Tristeza, onde, na Wenceslau Escobar, está virado num verdadeiro trauma, pois a velocidade dos veículos está bem acima dos 60 km/h permitidos. O bairro Tristeza cresceu muito e essas autoridades não se deram conta. Agora com o Strip Center Paseo Zona Sul, na confluência com a General Rondon, é uma temeridade atravessar de um lado a outro, tanto veículos como pedestres. Cabe sinalização urgente.

J. Raul Comassetto, Porto Alegre

Fies

Em uma pesquisa junto aos estudantes que participam do Fundo de Financiamento Estudantil (Fies), constatou-se que muitos não conseguem encontrar fiador, principalmente na faixa de renda familiar "per capita" que o novo benefício abrange, de um e meio salário mínimo. Agora, o fiador será substituído por um fundo garantidor, com a participação da União e das instituições de ensino. Essa nova modalidade do Fies pode fazer o Brasil saltar dos atuais 6,5 milhões para 10 milhões de universitários, expandindo mais a educação no país.

Danilo Guedes Romeu, Porto Alegre

Eleições

Este período de eleições nos faz refletir sobre algumas coisas que afetam nosso dia a dia. Existe um per-

tuál significativo de eleitores que não tem acesso à informação e outro que tem acesso parcial. Dos bem informados e dos parcialmente informados, uma boa parte não faz a crítica do que lê, aceitando a informação sem questionamentos. Adicionando tudo isso à multiplicidade de siglas, propiciando um caldo de cultura e o desenvolvimento de corrupção e inoperância da pesada máquina governamental. Deveríamos ter três ou, no máximo, quatro partidos que possuíssem ideologia e estruturas capazes de sustentar uma candidatura própria e uma governabilidade sem necessidade de leilão de cargos. Também deveria ser adotado o corte drástico dos imensos legislativos que possuímos. Assim, deveria ser revisto esse emaranhado sistema de leis que travam o Judiciário e servem para proteger os crimes do colarinho-branco.

Paulo Clóvis S. Garcia, Porto Alegre

Estrada

Muitos candidatos não sabem ou não querem entender por que não se reelegem. E só transitar na estrada entre Bossoroca e São Luiz Gonzaga e Roque Gonzales. Ai vão sair por quê da alta rejeição.

Mauro Hoffmann, Santiago

Ponte do Guaíba

Até que enfim as parres frequentes na Ponte do Guaíba obrigaram as autoridades de órgãos como o Dnit e o Daer a se mobilizarem para termos solução definitiva para o problema.

Mário S. Lancaster, Porto Alegre

Os artigos publicados com assinatura nesta página não traduzem necessariamente a opinião do jornal e são de inteira responsabilidade de seus autores. As cartas para o Correio do Leitor, com assinatura, endereço, número da identidade e telefone de contato para confirmação deverão ser enviadas para a Diretoria de Redação do Correio do Povo, na Rua Caldas Júnior, 219, CEP 90019-900. Por razões de clareza ou espaço, as cartas poderão ser publicadas resumidamente.

ASSINATURA: Fone (51) 3216-1606 assinatura@correiodopovo.com.br	
Planos:	
Mensal	R\$ 29,00
Semestral	R\$ 174,00
Anual	R\$ 348,00
Venda Avulsa:	
R\$ 1,25	de segunda a domingo em RS, SC, PR
R\$ 2,50	Demais estados

Nesse 2º turno,
pense bem e vote com
consciência. De novo.

Unimed
Rio Grande do Sul

Juremir Machado
da Silva | juremir@correiodopovo.com.br



Crise na França

O Senado francês aprovou a reforma da previdência. A briga vai continuar. A Inglaterra também vai entrar na dança. Vejo muita gente torcendo no Brasil para que franceses e ingleses percam a parada. Alguns, estranhamente, ficam felizes pensando na futura demissão de meio milhão de funcionários públicos ingleses. São os mesmos que dizem: o capital não gosta de correr riscos. O ser humano, em geral, principalmente depois de certa idade, também não. Quer segurança. Vejo gente vibrando: esses franceses nojentos vão ter de trabalhar mais. Onde já se viu querer se aposentar aos 62 anos de idade? Eu quero. Por que deveríamos passar a vida trabalhando?

Boa parte da população francesa que reclama não é comunista, como pensam os que ainda vivem com fantasmas do passado. Acredita simplesmente que a riqueza é um produto coletivo que deve ser compartilhado ainda que de modo desigual. Um empresário tem direito a lucro, mas não a todo lucro imaginável. Benefícios sociais são estratégias de redistribuição baseadas no fato de que o lucro é sempre apropriação do trabalho alheio. Nada mais legítimo do que redistribuir, ou recuperar parte desse trabalho, sob a forma de impostos coletados e direcionados para que as pessoas, depois de certo tempo de trabalho, possam fazer outras coisas com tranquilidade. Mas dá? E o rombo da previdência? Certamente é preciso negociar. A França, porém, não está quebrada. É uma potência mundial. O que está em jogo: tirar de uma parte para dar a uma outra?

O problema atual é a chamada globalização: concorrência com países onde o custo do trabalho é menor. Ou seja, a exploração (velha e boa palavra) é maior. É mais justa a legislação trabalhista europeia ou a de muitos países asiáticos? Quando se pensa o cidadão como mero consumidor, a resposta é clara: interessa o preço final. O Estado emagrece, a sociedade engorda. Transfere-se o problema de um lugar para outro. Alguém ganha. Os europeus, porém, não acham "natural" perder. Recebem infinitamente mais ajuda estatal do que o pouco dado pelo Brasil. Tem bolsa para tudo. Ainda bem. Eles não entendem, em geral, que o Estado exista apenas para socorrer bancos em crise. E não temem armar barricadas e enfrentar as "forças da ordem". Defendem uma ideia que parece bizarra às nossas elites: o Estado é da sociedade e deve servir a ela. Quem ganha mais, deve pagar mais.

O problema desses europeus frios, arrogantes e egoístas é que eles defendem radicalmente velharias como solidariedade, proteção a todos e uma boa divisão do bolo produzido pela coletividade. Prova disso é que 70% da população francesa apoia as manifestações contra o governo. O mais inaceitável, porém, é o que faz boa parte da mídia: fica do lado da população insatisfeita. Isso, sinceramente, não dá para entender. É muita irresponsabilidade. Nossa mídia, em casos semelhantes, sempre fica do lado do patrocinador. Quer dizer, das autoridades legitimamente constituídas e com a obrigação de manter a prudência, a sensatez e o equilíbrio. Para os que vão me chamar de ignorante, aviso: tem Nobel de Economia que pensa como eu, futuro Nobel de Literatura.

ARTE PEDRO LOBO

